

## CHACINA DA MERUOCA E SUA REPRESENTAÇÃO NO DISCURSO DA TV ANTENA 10: REFLEXÕES SOBRE ATUALIDADE NO DISCURSO JORNALÍSTICO

Isabela Naira Barbosa Rêgo<sup>1</sup>  
Nilsângela Cardoso Lima<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem por interesse compreender o processo de produção do acontecimento jornalístico e as representações construídas pela TV Antena 10 em torno da Chacina da Meruoca, no ano de 2014, em virtude dos quinze anos do crime ocorrido no Estado do Piauí que vitimou quatro pessoas. A Chacina da Meruoca promoveu uma intensa cobertura midiática na qual pode observar o surgimento de um conjunto de matérias discursivamente construídas com forte apelo emocional. Para tanto, foi realizado um estudo de caso da série de reportagens especiais sobre esse acontecimento por entender que a notícia perpassa a temporalidade do factual assumindo o caráter de historicidade. O referencial teórico para analisar o material empírico da pesquisa se baseia no conceito de *representação* proposto pelo historiador francês Chartier (1990), assim como se fez uso dos teóricos do jornalismo, a saber: Santos (2005), Quéré (2005), Traquina (2001), Charaudeau (2007) e Antunes (2008) para discutir sobre as complexificações do acontecimento e suas afetações na sociedade. Consideramos que a centralidade da mídia na sociedade contemporânea tem levado a reflexões sobre o papel desempenhado pelo jornalismo na atualidade, analisa-se também sua importância enquanto fonte para os pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento.

**Palavras-chave:** Mídia. Representação. Chacina Meruoca.

### 1 Mídia e acontecimentos

A centralidade da mídia na sociedade contemporânea torna cada vez mais necessária a investigação do processo de construção da realidade social pelo jornalismo. Entender como os meios de comunicação representam os fatos ocorridos, através do discurso ou de imagens, é imprescindível em uma sociedade em que as informações abastecem e dão ritmo à sociedade em seu cotidiano.

Conforme Santos (2005), vivemos numa sociedade de acontecimentos. Este autor faz uma diferenciação entre fato e acontecimento para, em seguida, discutir sobre as complexificações do acontecimento e suas afetações na sociedade. A primeira diferença consiste no caráter temporal do acontecimento. O autor utiliza, como exemplo, o assassinio de

<sup>1</sup> Mestranda em Comunicação pela UFPI/PPGCom. Email: isabelarego.nbr@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela UNISINOS. Mestre em História pela UFPI. Professora do Curso de Licenciatura em História/CSHNB/UFPI e Professora do Mestrado em Comunicação/PPGCom/UFPI. Email: nilcardoso@gmail.com.

César por Brutus e explica que para os contemporâneos de César isto se trata de um acontecimento, mas para nós que tomamos conhecimento disto através dos livros, trata-se de um fato histórico. Portanto, o acontecimento refere-se a uma situação contextualizada e o fato limita-se a ocupar um ponto na coordenada abstrata do tempo.

Em sua teoria da sociedade moderna, Niklas Luhmann (1984) argumenta que as sociedades antigas se organizavam por segmentações de espaço e que nas sociedades modernas houve um deslocamento do espaço para o tempo, por meio de uma organização cronológica. Desse modo, Santos (2005) explica que na modernidade tardia os lugares e recintos que antes colocavam o mundo de pé, dão lugar aos acontecimentos, que passam a dar sentido ao mundo. Assim, o tempo passa a exercer um papel fundamental nas sociedades contemporâneas. Por outro lado, Santos (2005) também se apoia no pensamento de Quéré (2005), para quem o acontecimento tem um caráter evenemencial, ou seja, não está preso ao momento em que irrompe na superfície lisa da , mas repercute no receptor. Portanto, se constitui pela experiência individual e pública. A isto, Quéré (2005) chama de poder hermenêutico do acontecimento, o que significa estar ligado à produção de sentidos.

Louis Quéré (2005) considera o acontecimento como um fenômeno de ordem hermenêutica, isto é, da ordem do sentido. Por isso, defende o acontecimento não como um mero ocorrido, mas lhe interessa o acontecer a um sujeito, provocando-lhe afetações. Segundo ele, o acontecimento não é apenas algo que irrompe, mas que tem em si a capacidade de promover uma reflexão sobre questões mais amplas. Portanto, não está preso ao momento em que ocorre, mas perpassa o tempo ao provocar um desdobramento de questionamentos em torno de si. Ou seja, o acontecimento não é algo isolado, mas está inserido num contexto social que deve ser levado em conta. Nesse aspecto, encontra-se o trabalho dos meios de comunicação que tornam o acontecimento visível na sociedade. “Os media seriam, nesta perspectiva, não só um espaço possível de visibilidade e reconhecimento de um dado acontecimento, mas também de inquérito na procura de respostas às questões que ele coloca” (PONTE, 2005, p.101).

Neste âmbito midiático, nos detemos aqui ao campo do jornalismo, o qual tem suas regras próprias de funcionamento. O jornalista, ao cobrir um acontecimento, encontra algumas limitações. Primeiramente, como qualquer ser humano, ele também está dotado de sua subjetividade, o que desmitifica a ideia de que seja possível uma total objetividade ou imparcialidade. Cada repórter, nesse caso, tem seu ponto de vista, seus valores, que interferem na sua visão de mundo e, conseqüentemente, no trabalho jornalístico. Desse modo, deve-se

entender a notícia como uma construção da realidade, pois o jornalismo não tem condições de abarcar a totalidade do acontecimento.

Outros aspectos importantes são referentes às rotinas de produção. O pouco tempo que os jornalistas têm entre o período de checar informações e o horário da publicação dificulta uma reflexão mais aprofundada do acontecimento. “O trabalho jornalístico é uma atividade prática e cotidiana orientada para cumprir as horas de fecho”, como explica Traquina (2001, p. 170). Nesse sentido, Traquina (2001) afirma que o ritmo do trabalho jornalístico dificulta que os jornalistas se debrucem sobre as problemáticas, fazendo que “o como?” e “o porquê?” do tradicional *lead* noticioso, muitas vezes, fiquem sem resposta. Traquina (2001) salienta que problemáticas podem ser abordadas por meio de *news peg*, ou seja, um acontecimento serve para promover a discussão sobre determinado problema.

A existência de um acontecimento da actualidade já transformado em notícia pode servir de *news peg* (literalmente, <<cabide>> para pendurar a notícia) para outro acontecimento ligado a esse assunto, ou seja, a actualidade é utilizada como *news peg*. Mas o próprio tempo pode ser, e é, utilizado como *news peg*, nomeadamente os aniversários: um acontecimento é notícia porque aconteceu, faz hoje, um, cinco, dez anos (TRAQUINA, 2001, p. 174).

No que se refere a essa construção social da realidade empreendida pelo jornalismo, podemos citar, ainda, a questão da linha editorial que cada veículo adota e que influencia diretamente na questão do enquadramento dado na matéria jornalística. Nesse aspecto, Ponte (2005) faz algumas considerações sobre a natureza da cobertura noticiosa. Ela argumenta que o modo como os jornalistas interrogam e apresentam as vozes de suas fontes interfere diretamente na produção de sentidos sobre aquele acontecimento e afirma que: “A cobertura noticiosa pode provocar empatia ou distância face a diferentes fontes, encorajar uma maior identificação com um lado do que com o outro, apresentar ou não informação que suporte diferentes modos de compreender os eventos, desafiar ou reforçar estereótipos” (PONTE, 2005, p. 103).

Falar de enquadramento, portanto, significa falar do modo como a notícia é apresentada, ou seja, a abordagem utilizada para apreender determinado acontecimento e traduzi-lo para o público. Ponte (2005) cita o trabalho da pesquisadora britânica Jenny Kitzinger (2004) que se dedicou a analisar a cobertura noticiosa de questões sociais, com o objetivo de entender o papel de arena dos media. Por meio de estudos de recepção realizados com dezenas de grupos focais, a pesquisadora chegou à conclusão de que os veículos

jornalísticos recorriam a estratégias de marcação de sentido, tais como “a reiteração de frases-chave, o uso de imagens evocativas e de tensão dramática, a plausibilidade e reputação de diferentes fontes citadas, o recurso a testemunhos pessoais emotivos” (PONTE, 2005, p. 103). Essa reflexão é importante para desmitificar a ideia de que o jornalismo é o espelho da sociedade e, conforme enfatiza Ponte (2005), serve para revelar a disputa desigual de vozes que os media viabilizam ao debate público.

Diante do trabalho dos *media*, os teóricos divergem quanto ao seu posicionamento. Para Quéré (2005), os meios de comunicação de massa exercem a função de informar e tornar a realidade conhecida, ao passo em que contribuem para a resolução dos problemas que se manifestam nessas discontinuidades. Por outro lado, há os que divergem desta visão e mantêm um posicionamento mais crítico, como é o caso de Walter Benjamin e demais frankfurtianos que atribuem aos meios uma função alienante e de desorientação semântica. Já Luhmann (1984) representa uma terceira via e considera que a função dos media é manter a sociedade acordada, por meio da constante produção e tratamento da excitação.

Quem também defende o caráter semântico assumido pelos acontecimentos é Henn (2009). Segundo ele, o discurso jornalístico parte de um lugar institucional de fala, o que significa dizer que está inserido em um tempo e um espaço e que o mesmo é regido por uma regra de controle dos signos. Portanto, a dimensão semântica do acontecimento implica refletir sobre as conexões históricas e culturalmente instituídas que afetam tanto a produção como a recepção. É através da narrativa que o acontecimento se torna inteligível e o âmbito da recepção imprime novos sentidos à notícia produzida. Henn (2009) desenvolve sua reflexão partindo da semiose de Peirce, e, analogamente, defende que, assim como um signo tem a capacidade de gerar outro signo, um acontecimento também tem seus desdobramentos.

Henn (2009) também toma por base as formulações de Quéré (2005) que situa o acontecimento na experiência, ou seja, nas afetações provocadas a alguém e que ao mesmo tempo suscita reações. “É no âmbito desta experiência que o acontecimento vai se individualizando, porque na medida em que se inscreve no tempo, ele implica em modalidade particular de experiência.” (HENN, 2009, p. 11) Desse modo, é nesse campo da experiência que nós temos a produção de interpretantes. Nessa afetação dos sujeitos é que se tem a possibilidade de formação de novos signos e de novos sentidos. Nesse âmbito, cabe ainda destacar que além da experiência singular do acontecimento, existe “a experiência coletiva que gera o ambiente interpretante em que as possibilidades de sentido ganham contornos mais efetivos. Ao se configurar como mediação, o acontecimento passa a se instituir como uma experiência pública” (HENN, 2009, p. 12).

Portanto, não se deve deixar de levar em conta o coletivo, pois embora cada indivíduo possa formar seus próprios sentidos, é necessário lembrar que esses sujeitos estão envolvidos por uma questão de pertença, ou seja, a coletividade exerce influência sobre eles. Embora se tenha a concepção de receptor ativo, não se pode excluir a importância do contexto social e histórico a que esse indivíduo pertence. Henn (2009) defende que o acontecimento deve ser entendido dentro de um aspecto semiótico, em que a cada interpretante criado por meio da experiência é criado um novo signo. Ou seja, acontece a semiose, produção de sentido pelo próprio sentido de forma praticamente infinita.

O debate promovido por Charaudeau (2007) sobre o discurso das mídias também se insere nessa perspectiva que busca entender a produção de sentidos que se estabelece no mundo das notícias. Para Charaudeau (2007), o acontecimento só existe quando é nomeado, ou seja, só significa enquanto discurso.

O acontecimento se encontra nesse “mundo a comentar” como surgimento de uma fenomenalidade que se impõe ao sujeito, em estado bruto, antes de sua captura perceptiva e interpretativa. Assim sendo, o acontecimento, nunca é transmitido à instância de recepção em seu estado bruto; para sua significação, depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível (CHARAUDEAU, 2007, p. 95).

No que concerne à temporalidade do acontecimento jornalístico, consideramos pertinentes as reflexões trazidas por Antunes (2008). Este autor defende que o presente não é a única temporalidade para o jornalismo. Ele argumenta que o acontecimento tem uma relação com o passado e que o presente também interfere no futuro. Diferentemente de Charaudeau (2007), para quem o acontecimento tem princípio, meio e fim que irrompe ao ser construído pelo jornalismo, Antunes (2008) considera que o acontecimento ultrapassa o tempo. Desse modo, Antunes (2008) desconstrói a ideia de presentificação do acontecimento jornalístico e defende que o discurso jornalístico não é a-histórico, pois está num fluxo contínuo da história.

Nesse sentido, Antunes (2008) se apoia no pensamento de Sodré (1996; 2005) que se afasta da ideia de acontecimento como ruptura e entende o mesmo como a produção de um ponto rítmico na temporalidade cotidiana. Considera o acontecimento jornalístico como um fato marcado, capturado pela teia dos critérios de noticiabilidade. Para Sodré (1996; 2005), a notícia é vista como uma ritmista da vida social. Nesse sentido, ele destaca que o jornalismo é um dispositivo que constrói o acontecimento.

Enquanto Charaudeau (2007) defende que o acontecimento jornalístico possui uma natureza efêmera e, portanto a-histórica; Antunes (2008) discorda e alega que distinguir a notícia da história não significa negar-lhe historicidade.

A notícia não trata, efetivamente, de uma retrospectiva de acontecimentos históricos, mas necessariamente orienta sua co-temporalidade entre acontecimento e circulação do acontecimento, não os privando e sim os orientando por linhas de fuga que figuram representações de passado e futuro (ANTUNES, 2009, p. 09).

Assim, Antunes (2008) defende a adoção de uma perspectiva de olhar que vá além da cronologia, para pensar o acontecimento jornalístico, apontando, desse modo, as figuras de temporalidade utilizadas pelos gregos: *kairós*, *aiôn*, *khronos*, *ethos*. E traz a seguinte crítica: “nós é que empobrecemos extremamente a compreensão do que é o tempo quando acoplamos a lógica à duração e produzimos uma concepção crono-lógica, que é a única que fomos capazes de empregar de Aristóteles até agora.” (d’AMARAL, *apud*, ANTUNES, 2008, p.10) Dessa maneira, Antunes (2008) relaciona acontecimento e experiência cotidiana e chama atenção para o processo de midiaticização da vida social nos dias de hoje e afirma que “o acontecimento jornalístico é uma forma simbólica por excelência para essa nova condição de estar no mundo.” (ANTUNES, 2008, p.12) O autor defende que o acontecimento jornalístico pode ser pensado também como uma forma de experiência, referindo-se não apenas ao contexto de sua ação imediata, mas, também, ao que pode ser trazido até nós por meio da narrativa. Por fim, Antunes (2008) considera que:

*[...] o relato jornalístico, sempre nucleado por um “tempo presente”, estimula uma sensação de simultaneidade entre os fatos e o momento de sua apropriação pelo leitor. É nesse sentido que podemos falar do relato jornalístico como um discurso que se volta não propriamente para o acontecimento ou para o acontecido, e sim para o acontecer (ANTUNES, 2008, p. 18).*

Dentro dessa perspectiva, Lança (2005) retoma Quéré (2005) para enfatizar que o acontecimento está centrado na experiência e que não basta descrevê-lo, mas é necessário expor também as suas consequências, ou seja, contextualizar o mesmo a partir de suas afetações aos indivíduos. “Pode por isso afirmar-se que, a maioria das vezes, são os efeitos dos acontecimentos [...], voluntários ou não, procurados ou imprevistos, que determinam o significado e o valor simbólico que lhe é atribuído” (LANÇA, 2005, p. 89).

Tendo em vista a forma como os meios de comunicação de massa atuam na sociedade, Charaudeau (2007) os compara a “um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui o seu valor simbólico” (CHARAUDEAU, 2007, p.67). Assim, o autor considera os meios de comunicação como dispositivos de encenação que por meio do discurso atraem, emocionam e mobilizam o público. Por outro lado, Charaudeau (2007) critica a espetacularização da notícia, a qual considera como um efeito perverso da máquina midiática. Contudo, pondera que o público é co-responsável nessa situação e considera não haver uma manipulação proposital e que com todos os defeitos a mídia exerce um importante papel no funcionamento das democracias.

O entendimento do que é acontecimento jornalístico a partir da leitura dos teóricos da área possibilitar refletir sobre o seu processo de produção. Logo, para que um acontecimento alcance *status* de notícia é necessário que ele seja construído discursivamente pelo jornalista e ganhe dimensão pública através da mídia. Com isso, entende-se que o que a mídia publica cotidianamente não é uma mimese da realidade, mas sua representação.

Para compreender o conceito de *representação* faz-se necessário recorrer à obra *História cultural: entre práticas e representações* publicada pelo historiador francês Roger Chartier (1990). Para este autor, as *representações* são sempre forjadas pelos grupos de interesses que as constroem. Por um lado, porque o poder e a dominação encontram-se presentes; por outro lado, as *representações* não são discursos neutros e há interesse de um grupo impor sua concepção de mundo social em relação a outro grupo. No seu entendimento, as *representações coletivas* estão diretamente relacionadas às *apropriações operacionalizáveis*, pois as *apropriações* “são entendidas como práticas de produção de sentido, dependentes das relações entre texto, impressão e modalidades de leitura, sempre diferenciadas por determinações sociais” (CHARTIER *apud* CARVALHO, 2005, p.155).

## 2 Caso Chacina da Meruoca

No dia 16 de janeiro do ano de 1999, três empresários e um motorista faziam uma caçada por volta de meia noite numa região de canaviais entre as cidades de Teresina, José de Freitas e União, conhecida como Meruoca. Na ocasião, eles foram confundidos com assaltantes de um banco e executados a tiros por policiais militares e civis. A primeira versão da Polícia dava conta de que durante a perseguição, os policiais teriam entrado em confronto com os assaltantes na região da Meruoca e matado os mesmos. No entanto, posteriormente o

Secretário de Segurança convocou uma coletiva de imprensa para declarar que na verdade os policiais teriam matado pessoas inocentes. Este acontecimento teve uma intensa cobertura midiática e grande repercussão. Apenas um policial civil foi expulso da corporação e os demais policiais militares continuaram executando suas funções. Os familiares das vítimas até hoje não foram indenizados pelo Estado e, a cada ano, a chacina costuma ser lembrada por alguns veículos de comunicação.

Completados 15 anos, a TV Antena 10 produziu uma série especial de três reportagens sobre este acontecimento veiculadas no mês de outubro de 2014, durante o programa jornalístico “Balanço Geral”. O especial foi divulgado previamente por meio de um VT que convidava os telespectadores a assistirem. “Quatro mortes e uma farsa. Um crime que chocou o Piauí. Famílias destruídas por quem deveria protegê-las. O jornalismo da TV Antena 10 vai recordar 15 anos depois a Chacina da Meruoca. Segunda, 20 de outubro, ao meio-dia no Balanço Geral”, dizia o texto. Com o objetivo de gerar expectativa e atingir os telespectadores pelo viés emocional, o VT convidou o telespectador a reviver a experiência. O substantivo ‘farsa’ e o verbo ‘chocar’ promoveram uma valoração e a emissora assumiu um lugar de fala ao enfatizar que inocentes foram mortos por quem deveria protegê-los, fazendo, assim, uma crítica à operação policial feita na época.

As reportagens trouxeram como fontes três jornalistas que participaram da cobertura do caso, o ex-delegado geral e o ex-secretário de segurança do Estado à época, além de filhos das vítimas. Nos vídeos o texto do gerador de caracteres dizia “TV Antena 10 revela detalhes, 15 anos depois da Chacina da Meruoca”. A emissora utilizou o recurso da simulação por computação gráfica para representar novamente o acontecimento e trouxe também depoimentos das fontes. Em um dos trechos do *off*<sup>3</sup> do repórter encontramos o seguinte texto: “Mesmo entregando as armas e ajoelhados, as vítimas foram executadas a tiros. Ao perceberem o erro arrastaram os corpos para dentro do matagal e tocaram fogo no carro para carbonizarem os corpos.” Nesse ponto, pode-se observar um enquadramento de viés emotivo com closes nos olhos e lágrimas dos familiares. O fato do Estado ainda não ter indenizado as famílias das vítimas também é enfatizado sugerindo o pedido de que a justiça seja feita.

Em um dos trechos da série de reportagens, o repórter mostra, na presença de familiares de uma das vítimas, um jornal da época de dois dias depois do ocorrido, que trazia a seguinte manchete: “Matança – Policiais do COE e do Corisco assinam friamente quatro empresários pensando que eram assaltantes de banco.” Em outro trecho, a abordagem emocional e o sentimento de injustiça podem ser exemplificados pelo depoimento do filho de

<sup>3</sup> Texto produzido pelo repórter para subsidiar imagens que compõem a reportagem de TV.

um dos empresários mortos: “além da perda de pais e familiares no ocorrido você ainda ter seu pai taxado como bandido pela polícia é muito complicado, muito difícil na época”.

Fazendo um paralelo com as discussões anteriores sobre as complexidades que permeiam o acontecimento jornalístico, observamos que a série de reportagens da TV Antena 10, como qualquer produto jornalístico, corresponde a uma construção da realidade. Desse modo, a Chacina da Meruoca é representada por meio da escolha de determinadas fontes e sob determinado enquadramento por uma escolha da emissora, o que derruba o mito da objetividade. Além disso, verificamos que, ao retomar um acontecimento ocorrido há 15 anos, a emissora se utiliza da estratégia de *news peg*, pela qual o tempo decorrido serve de cabide para ancorar outras pautas como a omissão do Estado mediante a situação das famílias e o sentimento de impunidade. Posicionamentos são assumidos pela emissora por meio da fala das fontes, isto é, de forma indireta para manter o padrão de imparcialidade pedida pelo formato jornalístico. No entanto, discursivamente acaba por assumir um lugar de fala escolhendo determinadas fontes em detrimento de outras.

Por outro lado, constatamos, conforme Antunes (2008), que o caráter da experiência pode ser repassado por meio da narrativa midiática. Nesse aspecto, notamos que ao retomar o ocorrido na Chacina da Meruoca, a TV Antena 10 está produzindo novos sentidos sobre o acontecimento e ampliando as experiências relacionadas a este. Ao mesmo tempo, a produção da série de reportagens demonstra que o assunto permanece atual, pois, conforme Antunes (2008), o discurso jornalístico não se volta para o acontecido, mas para o acontecer, pois o fato que aconteceu há 15 anos continua tendo repercussão até hoje. Esta seria inclusive a proposta da emissora, “revelar detalhes”, pois o discurso jornalístico procura sempre por algo novo, ou pelo menos algo que devido às limitações de tempo e espaço não poderiam ser ditas antes, mas que agora podem ser colocadas no palco das encenações, conforme Charaudeau (2007).

### **Considerações Finais**

A representação discursiva da Chacina da Meruoca feita pela TV Antena 10 pode ser analisada através dos textos e das imagens produzidas. Trata-se, portanto de uma construção obtida por meio da escolha prévia de palavras, ângulos de filmagem, cores, sons e pessoas a serem entrevistadas, de modo a produzir o efeito desejado, que no caso representa o ponto de vista da emissora sobre o assunto. Por isso, consideramos que pesquisas como essa são importantes para desmitificar a ideia de que o discurso jornalístico é a representação tal qual da realidade. Uma emissora pode apresentar um mesmo fato de diversas maneiras,

devido à construção do acontecimento jornalístico, processo inerente aos veículos de comunicação na produção de notícias.

Tendo em vista as discussões anteriores sobre as complexidades que permeiam o acontecimento jornalístico, observamos que o documentário da TV Antena 10, como qualquer produto jornalístico, corresponde a uma construção da realidade. Desse modo, a Chacina da Meruoca é apresentada por meio da escolha de determinadas fontes e sob determinado enquadramento por uma escolha da emissora, o que derruba o mito da objetividade. Além disso, consideramos que, ao retomar um acontecimento ocorrido há 15 anos, a emissora se utiliza da estratégia de *news peg*, ou seja, o tempo decorrido serve de cabide para ancorar outras pautas como a omissão do Estado mediante a situação das famílias e o sentimento de impunidade. Vale ressaltar que esses posicionamentos são assumidos pela emissora por meio da fala das fontes, isto é, de forma indireta para manter o padrão de imparcialidade pedida pelo formato jornalístico padrão. No entanto, discursivamente acaba por assumir um lugar de fala escolhendo determinadas fontes em detrimento de outras.

Além disso, observa-se que a Chacina da Meruoca é apresentada como um macroacontecimento, que conforme classificação proposta por Santos (2005) trata-se de um acontecimento de grande repercussão, que provoca uma série de posteriores microacontecimentos, numa intensa atividade semântica de interpretações e investigações pós-acontecimento. Nesse caso, podemos citar o questionamento da sociedade sobre a reputação da Polícia Militar e Civil à época e por que o Estado não assumiu juridicamente o erro indenizando as vítimas.

Retomamos aqui Antunes (2008) quando diz que o caráter da experiência em que, segundo Quéré (2005), está centrado o acontecimento, pode ser repassado por meio da narrativa. Consideramos, assim, que ao retomar o ocorrido na Chacina da Meruoca, a TV Antena 10 está produzindo novos sentidos sobre o acontecimento e ampliando as experiências relacionadas a este. Ao mesmo tempo, a produção do documentário demonstra que o assunto permanece atual, pois, conforme Antunes (2008), o discurso jornalístico não se volta para o acontecido, mas para o acontecer, pois o fato que aconteceu há 15 anos continua tendo repercussão até hoje. Esta seria inclusive a proposta da emissora, “revelar detalhes”, ou seja, o discurso jornalístico procura sempre por algo novo, ou pelo menos algo que antes devido as limitações de tempo e espaço não poderiam ser ditas e agora podem ser colocadas no palco das encenações, conforme Charaudeau (2007).

No que concerne ao enquadramento, encontramos diversas estratégias de marcação de sentido, nos moldes trazidos por Jenny Kitzinger (2004), com ênfase para frases-chave (“o

maior erro da história policial do Piauí”), a reputação das fontes (jornalistas e autoridades policiais), os testemunhos emotivos (depoimentos dos familiares). Por fim, consideramos que no referido documentário, a TV Antena 10 age como um dispositivo de encenação, promovendo a espetacularização da notícia, buscando atrair a atenção do público.

No caso específico da Chacina da Meruoca procuramos analisar como a produção de sentidos em torno do acontecimento perpassa a temporalidade do factual assumindo o caráter de historicidade. Observamos que ao promover um enquadramento que privilegia um tom emotivo, dando ênfase a dor dos familiares, a TV Antena 10 age como um dispositivo de encenação, promovendo a espetacularização da notícia, buscando atrair a atenção do público. Desse modo, coloca a chacina como uma tragédia que não pode ser esquecida pela sociedade, ao tempo em que assume um lugar de fala denunciativo, produzindo o sentido de revelação da verdade.

## Referências

ANTUNES, Elton. Acontecimento, temporalidade e a construção do sentido de atualidade no discurso jornalístico. **Revista Contemporânea**, Salvador, v. 6, n.1. jun. 2008. p. 1- 21 Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3517/2571> .> Acesso em: 09 jan. 2015.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. In: **Diálogos**. DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

HENN, Ronaldo. **O acontecimento em sua dimensão semiótica**. In: VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Universidade de São Paulo. nov. 2009. Disponível em:<[http://sbpjour.kamotini.ghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/ronaldo\\_henn.pdf](http://sbpjour.kamotini.ghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/ronaldo_henn.pdf).> Acesso: ago. 2014.

KITZINGER, J. **Framing Abuse. Media Influence and Public Understanding of Sexual Violence against Children**. Londres: Pluto Press, 2004.

LANÇA, Isabel Babo. A constituição do sentido do acontecimento na experiência pública. In: **Tracjetos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação**. Lisboa, n. 6, 2005.

PONTE, Cristina. Media e acontecimentos (com)sentidos. In: **Tracjetos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação**. Lisboa, n. 6, 2005.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. In: **Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, n. 6, 2005. p. 59-76.

SANTOS, José Manuel. Da perca do mundo à sociedade dos (mega)acontecimentos. In: **Tracjetos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação**. Lisboa, n. 6, 2005, p. 77-83.

SODRÉ, Muniz. “A forma da notícia”. In: \_\_\_\_\_. **Reinventando a cultura**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SODRÉ, Muniz. O que é mesmo uma noticia? In: **ANAIS do XIV Encontro Anual da COMPÓS**. Niterói: Compós, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: UNISINOS, 2001.

TV ANTENA 10. **Chacina da Meruoca – Parte 1**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aZosLzEF4YI>> Acesso em: dez. 2014.

TV ANTENA 10. **Chacina da Meruoca – Parte 2**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-b8ZB2i8taw>> Acesso em: dez. 2014.

TV ANTENA 10. **Chacina da Meruoca – Parte 3**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XTRcm6w7Ls0>> Acesso em: dez. 2014.

TV ANTENA 10. **Chamada Meruoca**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=06uYw0BN0gM>> Acesso em: dez.2014.